

Trabalhos Científicos

Título: Cama Compartilhada Na Pediatria: Orientações Técnicas E Sensibilidade Cultural

Autores: EMILLY VIEIRA BARBOSA DOS SANTOS NUNES (UNIEURO), INGRID FERNANDES LOIOLA (UNIEURO), DANIELA CRISTINA FERREIRA ALMEIDA (UNIEURO), GIOVANA RAMOS AMORIM (UNIEURO), LUIZA SILVA DOS SANTOS (UNIEURO), ANA PAULA ALVES DA SILVA (UNIEURO), ANA PAULA APARECIDA DE OLIVEIRA GONÇALVES (UNIEURO), CELSO TAQUES SALDANHA (UNIEURO)

Resumo: Cama compartilhada é a prática de pais ou cuidadores dormirem na mesma superfície com o bebê ou com a criança, geralmente com o intuito de facilitar o cuidado noturno, a amamentação e reforço de vínculos. Em pediatria, essa prática levanta preocupações relacionadas à segurança infantil, especialmente em relação à síndrome da morte súbita do lactente (SMSL). No entanto, no Brasil, a cama compartilhada também está fortemente vinculada a fatores culturais e socioeconômicos. "Discutir como o pediatra deve se posicionar eticamente e com empatia diante da prática de cama compartilhada, considerando o contexto socioeconômico e cultural das famílias brasileiras." Foram consultadas as plataformas SciELO, PubMed e LILACS, além de separatas do Departamento Científico de Pediatria da SBP. Os descritores utilizados foram: cama compartilhada, sono infantil e cultura familiar. Também foram considerados os fatores: desigualdade habitacional, práticas culturais de cuidado e vínculo afetivo materno-infantil. A pesquisa se limitou aos últimos cinco anos. "O posicionamento do pediatra diante da cama compartilhada deve equilibrar rigor científico com sensibilidade cultural e social. A SBP e a Academia Americana de Pediatria desaconselham a prática em bebês menores de 1 ano devido ao risco aumentado de SMSL, sufocamento e quedas. A recomendação é que o bebê durma no mesmo quarto dos pais, mas em berço separado, preferencialmente até os 6-12 meses de vida. Contudo, no Brasil, dados do IBGE revelam que cerca de 11 milhões de famílias vivem em domicílios com apenas um cômodo. Em muitos lares, compartilhar a cama não é uma escolha, mas uma necessidade. Além disso, aspectos culturais, como a valorização do contato físico e a construção do vínculo noturno, são fortemente enraizados, sobretudo em regiões de menor poder aquisitivo. Frente a isso, o pediatra deve abordar o tema com empatia, orientando sobre como reduzir os riscos caso a cama compartilhada seja inevitável: evitar travesseiros, cobertores pesados, consumo de álcool ou sedativos por parte dos cuidadores, e garantir que o bebê durma sempre em posição supina. Estudos recentes mostram que os riscos são mais altos em situações de vulnerabilidade (uso de colchões inadequados, excesso de cobertas, sono em sofá ou poltrona). No entanto, quando praticada com medidas de segurança, e especialmente após o primeiro ano de vida, os riscos diminuem substancialmente." A cama compartilhada, embora desaconselhada em termos ideais de segurança, deve ser discutida com sensibilidade. O pediatra não deve impor uma condenação universal à prática, mas oferecer orientações baseadas em evidências e adaptadas à realidade de cada família. A escuta ativa e o respeito ao contexto social e cultural são fundamentais para uma orientação eficaz e humanizada.